

Simetria, confluências e inter-relação entre conjuntos nas obras; *Fantasia para saxofone soprano em Sib e pequena orquestra* de Heitor Villa-Lobos (1948) e *Rapsodia para saxofone alto em Mib e orquestra* de Claude Debussy (1903)

José de Carvalho Oliveira
josedecarvalhosax@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta apontamentos iniciais de aspectos de simetria, confluências e inter-relação entre conjuntos nas obras: *Fantasia para saxofone soprano em Sib e pequena orquestra* de Heitor Villa-Lobos (1948) e *Rapsódia para saxofone alto em Mib e orquestra* de Claude Debussy (1903). Este esforço justifica-se por apresentar Heitor Villa-Lobos sob o prisma de um compositor estruturalista averiguando traços da influência debussyniana em sua última fase composicional.

Palavras-chave: Análise musical. Teoria dos conjuntos. Saxofone. Heitor Villa-Lobos. Música do século XX.

Symmetry, confluences and the interrelation between the compositions: ‘Fantasia for soprano saxophone in B flat and Chamber Orchestra’ by Heitor Villa-Lobos (1948) and ‘Rhapsody for Alto Saxophone in E flat and Orchestra’ by Claude Debussy (1903)

Abstract: This paper presents initial notes of symmetry aspects, confluences and the interrelation between the compositions: 'Fantasia for soprano saxophone in **B flat** and Chamber Orchestra' by Heitor Villa-Lobos (1948) and 'Rhapsody for Alto Saxophone in **E flat** and Orchestra' by Claude Debussy (1903). This effort is justified because it depicts Heitor Villa-Lobos from the perspective of a structuralist composer searching for traits of the influence of Debussy in his last compositional period.

Keywords: Musical Analysis. Theory of Sets. Saxophone. Heitor Villa-Lobos. Twentieth Century Music.

1. Introdução

Sobre a obra de Heitor Villa-Lobos, é comum encontrarmos opiniões (sejam elas advindas do meio erudito ou popular) de que Villa seria um compositor de técnica deficiente, com pouquíssimo domínio da forma e de estratégias composicionais segundo os padrões impostos pela tradição. As mais recentes pesquisas musicológicas em torno dos processos composicionais de Villa-Lobos apontam para um compositor estruturalista, refutando a ideia de um “[...] não “dândi tupiniquim”, mas um compositor que se auto-impunha uma pesada carga de trabalho e estudo, o que contradiz o mito em torno de seu autodidatismo e facilidade (no mau sentido) de invenção” (SALLES, 2009: 14). A *Fantasia para saxofone soprano em Sib e pequena orquestra*¹ é datada de 1948, ano que marca o fim do período de retorno ao Brasil (1930), em plena revolução vanguardista e o início da sua última fase (FERRAZ apud SALLES, 2009: 10), quando Villa-Lobos recebe o diagnóstico de sua doença e tem de fazer frente às crescentes despesas com tratamento de saúde, apresentando suas obras na Europa e nos Estados Unidos (SALLES, 2009: 14). O diálogo de Villa com a *Rapsódia para saxofone*

alto em Mi² de Claude Debussy (1903) sugere também uma reflexão sobre um breve retorno ao seu primeiro período criativo. “[...] a primeira fase de Villa-Lobos foi marcada pela forte influência francesa (Debussy sobretudo) e a força que possuía a música de Wagner no Instituto Nacional desde a diretoria de Leopoldo Miguéz no final do século XIX” (FERRAZ apud SALLES, 2009: 10).

2. Metodologia

Para destacar as aparições de simetria, inter-relação entre conjuntos como elo de conexão entre as duas obras e melhor compreensão dos procedimentos composicionais utilizamos como referência os estudos de Joseph Straus sobre teoria dos conjuntos – compreendidos em *Introdução à Teoria Pós-Tonal* (2013).

3. Confluências

Utilizaremos o termo confluência da hidrologia para definir a junção de aspectos similares e recorrentes entre as duas obras, são eles; andamento - A, síncopa - S, forma de compasso - FC, célula motívica - CM e desenho rítmico característico - DR.

No compasso 14 da *Rapsódia*, o saxofone apresenta a célula motívica em quiálteras de três, em seguida elas aparecem ligadas a uma célula rítmica de maior valor (fig. 1). No compasso 33 o saxofone reapresenta a célula motívica no primeiro tempo e liga à nota Si – colcheia em uma síncopa (anteriormente apresentada pelas cordas (fig.4) e corne inglês) no segundo tempo (fig. 2). Esse desenho rítmico (às vezes descaracterizado ou reconfigurado) permeara a peça até o compasso 84.



Fig. 1: Entrada do saxofone após a introdução - *Rapsódia* - C. Debussy (c. 14-15).

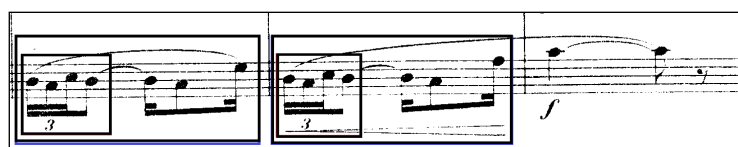


Fig. 2: melodia apresentada pelo saxofone – *Rapsódia* - C. Debussy (c.33-35).

Na *Fantasia* (Villa-Lobos) o saxofone expõe após a introdução no segundo tempo do compasso 38 uma melodia com características análogas à *Rapsódia* - célula motívica e o

desenho rítmico espelhado exemplificado na figura 3. Também consideramos congêneres a forma de compasso binária e o andamento (fig. 3 e 4).

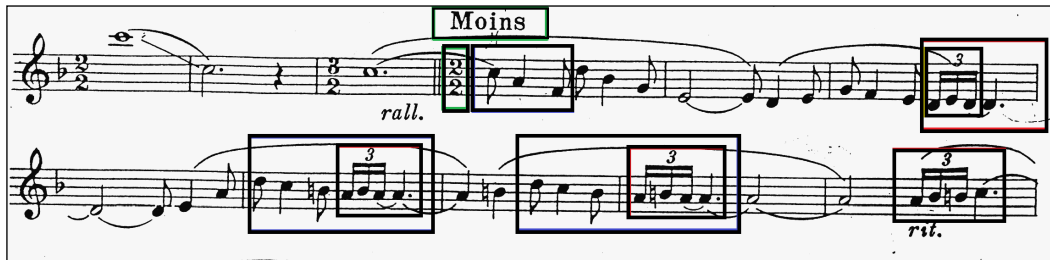


Fig. 3: Entrada do saxofone no compasso 35 após o ralentado, *Fantasia* – V. Lobos (c.33-43).

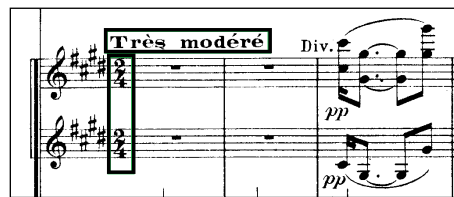


Fig. 4: Forma de compasso e andamento (Violinos 1 e 2), *Rapsódia* – Claude Debussy (c. 1-3).

3.1 Simetria e inter-relação entre conjuntos

As notas utilizadas nos dois compassos iniciais da entrada do saxofone nos compassos 14 - 15 da *Rapsódia* de Claude Debussy formam o conjunto 6 z26 (fig. 5) segundo a Tabela Forte³. As classes de notas deste conjunto formam uma escala de seis notas hexafônica⁴ (fig. 6).

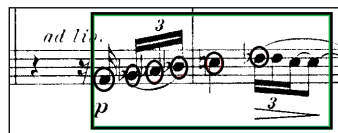


Fig. 5: *Rapsódia* – Debussy. Entrada do Saxofone - Conjunto 6 z26 (c. 14-15).



Fig. 6: *Rapsódia* - Simetria / escala hexafônica – N.F. (c. 14-15).

Após a introdução (c.35) da *Fantasia* (Villa-Lobos), o saxofone entra apresentando uma melodia sincopada conforme vimos na figura 3. Além das confluências rítmicas e motivicas já observadas, as notas estruturais⁵ desta melodia formam também o mesmo conjunto (6 z26), N.F. [5, 6, 8, 10, 0, 1] transposto à T4 [9, 10, 0, 2, 4, 5] exposto na entrada do saxofone na *Rapsódia* (Debussy) que também geram de uma escala hexafônica só

que agora de Lá (fig. 8). A escala hexafônica usada por ambos compositores é uma estrutura que possui um eixo de simetria com semitons nas duas pontas da escala respectivamente gerando o conjunto 6 z26 que também possui um eixo de simetria de soma 8 entre as notas Lá#/Sib e Mi/Fab mostradas no *clockface*⁶ nas figuras 9, 10, 11.

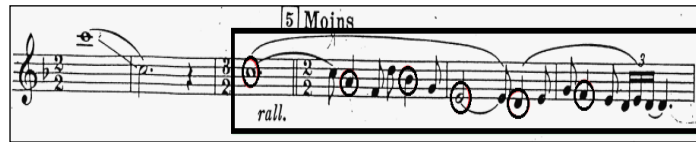


Fig. 7: *Fantasia* – V. Lobos. Entrada do saxofone - Conjunto 6 z26 à T4 (c. 35-38)

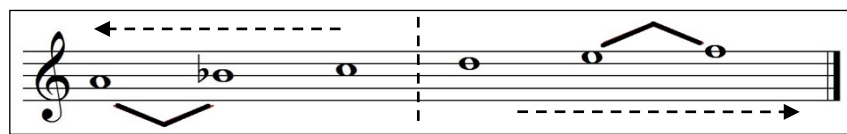


Fig. 8: *Fantasia* – Simetria / escala hexafônica – N.F. à T4 (c.35-38).

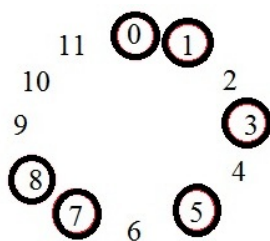


Fig. 9: Conjunto 6 z26

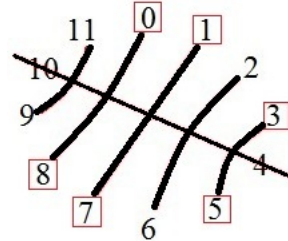


Fig. 10: Conjunto 6 z26 / Ti8

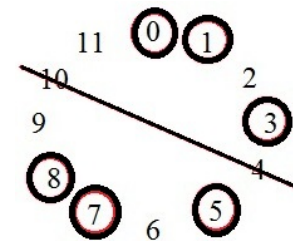


Fig. 11: Eixo de simetria

Rapsódia
Conjunto 6 z26 / N.F. [5, 6, 8, 10, 0, 1]



Fantasia
Transposto à T4 / N.F. [9,10, 0, 2, 4, 5]

A dialética villalobiana com a *Rapsódia* estende-se também em frases com estruturas simétricas comuns às duas obras. Na *Rapsódia*, Debussy estrutura simetricamente a frase com uma nota longa em cada uma das duas pontas da frase com três grupos de quiálteras de três ao centro da melodia apresentada pelo saxofone nos compassos 67 – 68 (fig.12). Na *Fantasia* esse mesmo arquétipo fraseológico aparece reconfigurado, ao invés de quiálteras ao centro, Villa utiliza três grupos de semicolcheias com inversão do sentido da frase, que também é simétrico, pois forma um palíndromo de figuras rítmicas (palíndromia rítmica) - não de alturas, também muito comuns nas obras de Villa-Lobos, e também em Debussy (fig. 13).

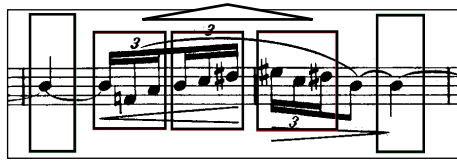

 Fig. 12: *Rapsódia* - melodia do saxofone (c. 67 – 68)

 Fig. 13: *Fantasia* - melodia do saxofone (c. 53 – 54)

3.2 Inter-relação entre conjuntos, desenho balanceado e invariâncias de classes de alturas entre as obras e ao acorde de *Tristão*

No poema sinfônico *Uirapurú*, Salles destaca a apresentação de pequenos fragmentos temáticos à maneira dos *leitmotifs* wagnerianos, devido à ênfase dada por D'Indy (1912) ao acorde de *Tristão*. “[...] suponho que as várias referências que Villa-Lobos faz a esse acorde – presente em algumas obras compostas ao longo de vários anos – tenham sido motivadas por suas leituras do *Cours de composition musicale*” (SALLES, 2009: 24). Do ponto de vista da forte influência de Wagner ou mais especificamente do acorde de *Tristão* ou a sonoridade deste conjunto, destacaremos a seguir (fig. 14) uma possível inclinação ainda que distante de Villa ao famoso acorde wagneriano.

Fantasia
I
H. VILLA LOBOS
(New York, 1948)

Animé (♩=112)

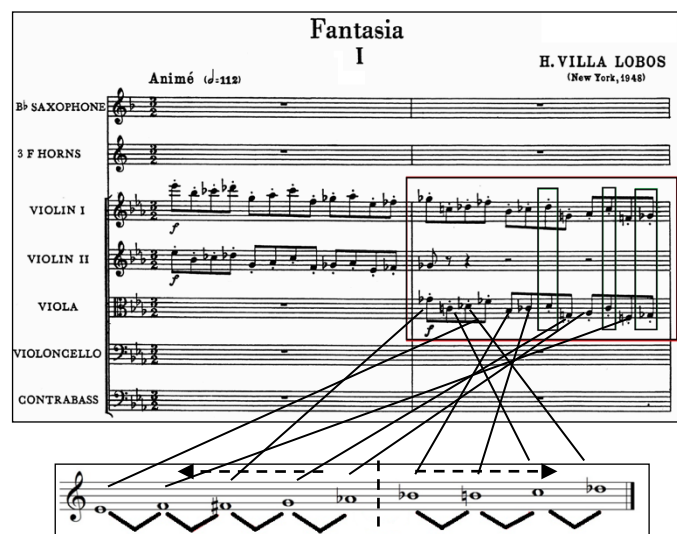


 Fig. 14: *Fantasia* - introdução c. 2 (quadrados pequenos - notas repetidas)
 Conjunto 9 – 5 à T 2 = N. F. : [4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 0, 1]

O acorde de *Tristão* somado às notas adjacentes do trecho que o emoldura geram uma escala e respectivamente o conjunto 9-5 N.F. [2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11] (fig. 15).

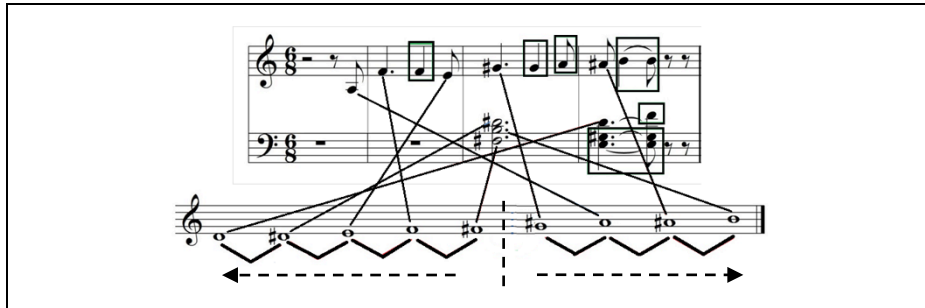


Fig. 15: Acorde de *Tristão* / escala - conjunto 9 – 5 N. F.: [2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11] (quadrado – notas repetidas)

A linha tracejada nas escalas (fig. 14 e 15) e no conjunto 9-5 (fig.16) demonstra um desenho balanceado do conjunto assim como nas escalas ao invés da simetria vista nas escalas hexafônicas (fig. 6 e 8).

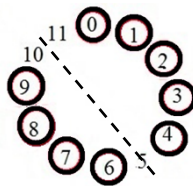


Fig. 16: conjunto 9-5 / acorde de *Tristão* e *Fantasia* (c.2)

O desenho balanceado presente nas escalas e nos conjuntos somados as invariâncias de classes sugerem ainda de que de forma tímida uma referência ao acorde de *Tristão*. Também destacamos como desenho balanceado todas as notas da introdução da orquestra até a entrada do saxofone na *Rapsódia* (c.1-14) ao qual eliminando as notas repetidas, formam uma escala octatônica de Si (fig. 17) e o conjunto 8-16 (01235789) N.F. [11, 0, 1, 2, 4, 6, 7, 8].

Fig. 17: *Rapsódia* (c. 1-14) escala octatônica – conjunto 8-16 N.F. [11, 0, 1, 2, 4, 6, 7, 8]

Além do *desenho balanceado* atribuído neste trabalho como ponto de coesão, o conjunto 9-5 do acorde de *Tristão* presente na *Fantasia* (c.2) e o conjunto 8-16 da introdução da *Rapsódia* se inter-relacionam mapeando-se neles mesmos (fig. 18 e 19).

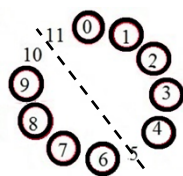


Fig. 18: Acorde de *Tristão* e *Fantasia* (c.2) conjunto 9-5

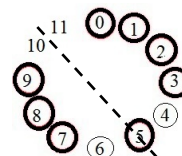


Fig. 19: *Rapsódia* (c. 1-14) conjunto 8-16

Além da referência ao conjunto 9-5, o conjunto 8-16 também é o gerador do subconjunto 6 z26 exposto pelo saxofone na *Rapsódia* (c. 14 -15) e na *Fantasia* (c. 35 - 36) gerados a partir de uma escala hexafônica, conforme vistos nas figuras 8, 9, 10 e 11 (fig. 20, 21 e 22).

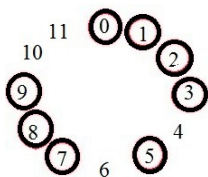


Fig. 20: Conjunto 8-16

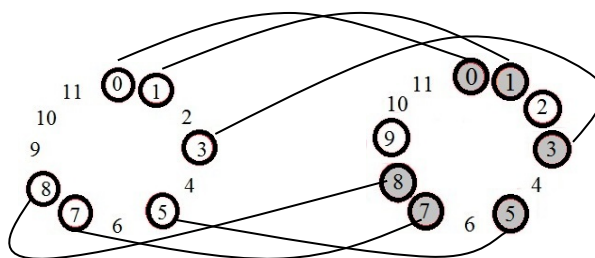


Fig. 21: Conjunto 6 z26

Fig. 22: Conjuntos 8 – 16

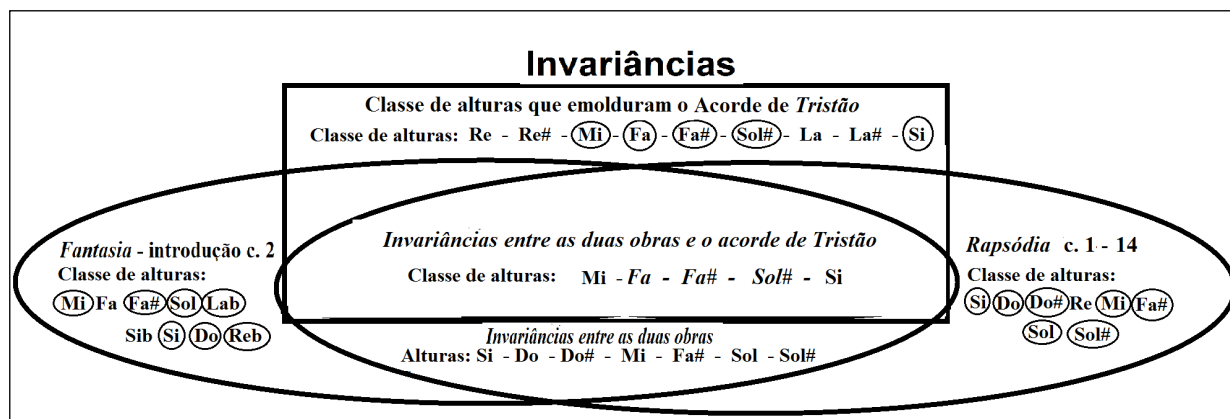


Fig. 23: Invariâncias de classes de alturas entre as obras e o acorde de *Tristão*

4 Considerações finais

Este artigo trouxe à baila uma possível relação entre as duas obras supracitadas sob o prisma composicional, embasado nas confluências rítmicas e motivicas, escalas, simetrias, inter-relação entre os conjuntos analisados, desenho balanceado e invariâncias de classes de alturas entre as obras, analisadas aqui como apontamentos iniciais de um possível ponto de coesão entre as obras e o acorde de *Tristão*. Segundo a data de composição das obras objeto deste estudo, o intervalo entre elas é de quarenta e cinco anos (45), sendo a *Rapsódia* de 1903 e a *Fantasia* de 1948, fato que aponta essa inter-relação entre as duas obras a um possível retorno de Villa à sua primeira fase composicional, levando em consideração a forte influência da linguagem debussyniana nas composições de Villa-Lobos deste período composicional citado como primeira fase (FERRAZ apud SALLES, 2009: 10). A reflexão da análise apresentada indica que Villa-Lobos volta à sua primeira fase em Debussy, usa a memória, porém não reflete a uma cópia sonora ou uma situação sonora.

Referências

- DEBUSSY, Claude. *Rapsodie, pour orchestre et saxophone*. Paris: A. Durand, 1919.
- SALLES, Paulo de Tarso. *Villa-Lobos: Processos Composicionais*. Editora Unicamp: Campinas, 2009.
- SOARES, Carlos. *O saxophone na música de câmara de Heitor Villa-Lobos*. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2001.
- STRAUS, Joseph. *Introdução à teoria pós-tonal*. Editora Unesp - Edufba: Salvador – São Paulo, 2013. Tradução - Ricardo Mazzini Bordini.
- VILLA-LOBOS, Heitor. *Fantasia for Saxophone and Small Orchestra*. Southern Music Publishing Co.: New York, 1963.

Notas

¹ Citada como pedra angular no repertório mundial para saxofone (REGENMORTER, 2009:1). Villa dedicou ao célebre saxofonista francês Marcel Mule. De acordo com informações do Catálogo de Obras (1989) foi estreada no dia 17 de novembro de 1951 no Auditório do Palácio da Cultura, tendo Waldemar Szpilman como solista acompanhado pela Orquestra de Câmara do MEC sob a regência do próprio Villa-Lobos. Na ocasião, o solo foi executado com um saxofone tenor, apesar de ter sido escrita para soprano, já que Szpilman não possuía o instrumento original (Soares, 2001:128) e também no tom de Mi bemol, a pedido do solista, sendo então enviada para a publicação nesta nova tonalidade em que foi difundida pelo mundo adquirindo sucesso.

² Encomendada pela saxofonista Elise Hall, a *Rapsódia para saxofone alto em Mib* de C. Debussy, é uma das principais obras para o instrumento, entretanto, assim como a *Fantasia para saxofone* de Villa-Lobos, não figura entre as principais obras. Sua importância dentro do repertório é mais pela notabilidade do compositor.

³ Cf. FORTE, 1973: 179-181. A tabela de Forte é adotada por todos os teóricos que empregam a Teoria dos Conjuntos. OLIVEIRA (1998) e STRAUS (2013) apresentam versões expandidas da tabela de Forte, onde estão incluídas as transposições da forma primária.

⁴ A escala hexafônica é uma maneira de organização melódica, formada por seis notas musicais, que não possui um formato absoluto de distribuição intervalar. Sua forma mais comum é a escala de tons inteiros, formada somente por intervalos de um tom entre as notas, não é o caso das escalas utilizadas neste trabalho.

⁵ Foram escolhidas as notas de maior valor – superior à figura rítmica semínima, entendendo que estas são as notas estruturais da frase em questão, a nota sol – colcheia é a única que possui valor menor que uma semínima.

⁶ Conceito *clockface*: A numeração de 0 a 11 das notas da escala cromática onde as notas são consideradas como entidades discretas dentro do conjunto da escala temperada (Dó = 0, Dó# = 1, ..., Si = 11) dispostas em uma espécie de mostrador de relógio (*clockface*).